

AS ORIGENS DOS SACRIFÍCIOS DE ANIMAIS

ELISEU FERNANDES GONÇALVES

Mestre, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

eliseuhistoriador@gmail.com

ISAÍAS LUIS DE ARAÚJO JÚNIOR

Mestre, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

prof.isaias@faculdadevitoriaemcristo.edu.br



RESUMO

Os sacrifícios de animais foi uma prática comum em diversas culturas antigas, não foi diferente com Israel, em todas as etapas da história sagrada registrada no AT, em vários livros há menção do sacrifícios, antes mesmo do sistema sacrificial ser estabelecido no Livro de Levítico. Uma abordagem umaêmica ; porque, se é um fenômeno sociológico e religioso difundido no mundo antigo, o sistema simbólico em que esses rituais eram praticados.

PALAVRAS-CHAVE

Sacrifícios, animais, Antigo Testamento, Levítico.



ABSTRACT

The sacrifice of animals was a common practice in various ancient cultures, and Israel was no exception. Throughout all stages of the sacred history recorded in the Old Testament, several books mention sacrifices, even before the sacrificial system was established in the Book of Leviticus. An emic approach; because, if it is a sociological and religious phenomenon widespread in the ancient world, the symbolic system in which these rituals were practiced.

KEYWORDS

Sacrifices, animals, Old Testament, Leviticus.



As origens dos sacrifícios de animais

É necessário conhecer os termos que são usados para descrever as práticas sacrificiais, no AOP e no Antigo Israel. Hallo e Hendel descrevem como uma refeição sagrada, une os sacrificantes ou adoradores a divindade, a inda estabelece os laços de amizade, sendo reflexos dos sacrifícios mesopotâmicos ou siro-cananeus. Um ponto de convergência seria a assimilação cultural dos judeus no exílio neobabilônico, que de uma forma ou de outra colaborou para a manutenção da sua fé. Neste processo que agora consta com a ausência do Templo, se cristaliza na tradição, esta é importante para o desenvolvimento redacional das origens, símbolos e compreensão da fé judaica.

As informações bíblicas a respeito dos sacrifícios estão esparsas, em vários textos diferentes, pois, o sacrifício antes de ser instituído como um sistema dentro do culto, era amplamente praticado, pelos israelitas e pelos outros povos circunvizinhos, bem como outros da Antiguidade. Com o intuito de criar uma instituição encontra-se no Livro de Levíticos uma descrição detalhada dos sacrifícios. E na Fonte Sacerdotal (P), e inseridas no Código da Santidade (H), mesmo em textos de cunho historiográfico, o cronista ou redator final, faz uma crítica aos sacrifícios foram do padrão estabelecido no ideal do historiador deuteronomista de história (Dtr. H.), mediante a própria liturgia cültica existente. Este padrão ocorre pelo Livro de Deuteronômio, muito mais claro na reforma josiânica. Por mais que os elementos de uma forma ou de outra existisse no culto estatal davídico pelo ofício sacerdotal e centralização de culto.

Observa-se que Levítico também favorece a centralização, e não só a reforma com base deuteronomista (Dtr.). Já que a expressão: “porta da tenda da assembleia” (פֶּתַח אֹהֶל מוֹעֵד) é encontrada em Lv 17,4.5.9, sendo o local escolhido



para os sacrifícios. A tradição de Deuteronômio é diferente, um lugar é escolhido, sem ser especificado o templo e local.

É possível que, o uso da expressão “porta da tenda da assembleia” seja um retomada do “lugar que escolheu o Senhor” com uma mística de Antiguidade, rementindo-se ao tempo mosaico, certamente é um texto sacerdotal (P). Agora, o pouco uso se daria pelo modificação de um santuário móvel para um templo fixo. O que implica em oposição aos outros lugares de adoração. Weddle afirma que: “os sacrifícios são parte do significativo do transcendente, que marca a forma diferente entre o ordinário e o transcendental devido a realidade da negação dos desejos e reversão dos valores convencionais”.

Portanto, os sacrifícios interagem com o divino, ou são um tipo de acesso ao sobrenatural. De acordo com Mauss e Hubert toda ação sacrificial pode ser compreendida como um objeto que deixa o domínio do comum e adentra-se no domínio do religioso pela consagração. Inclusive, o sacrificante (aquele que sacrifica) oferece um animal (objeto) em busca dos seus efeitos (barganha, proteção, bençãos etc.) do deus ou deuses para os quais os sacrifícios foram oferecidos. Porque o sacrifício passa a ser uma oferta consagrada e que sirva de elemento intermediário entre o sacrificante e a divindade, pela ausência do contato próximo entre as partes. Outrossim, o sacrificante pode ser um indivíduo ou uma coletividade específica que se aproximam do sacrificador ou sacerdote.

Scurloc faz uma comparação entre os sacrifícios do Antigo Israel e outros povos circunvizinhos. Do ponto de vista das religiões não salvíficas, no AOP, os sacríficos podiam ser ocasionais ou circunstanciais com o intuito de um contrato ou aliança entre alguém e um deus, um indivíduo e um demônio, um sacrificante e uma divindade fiadora do pacto realizado pelo sacrifício. Esta mesma autora diz que existia um termo técnico para essas ofertas espontâneas na Mesopotâmia na Antiguidade, este era chamada de “o que o seu coração desejar” (šagigurû), que



advém de ŠÀ IGI karru, ou simplesmente “desejo” (bibil libbi), especifica o desejo de ofertar, de imolar, naquilo que o sacrificante se prontificou em oferecer, quer seja animais ou outras dádivas, com o intuito de ser aprazível ou agradável a divindade.

Essas ofertas poderia ser para uma cura pessoal, ou por questões de foro íntimo. O indivíduo deveria cumprir antecipadamente o contratado, para colocar a divindade sob obrigação de cumprir a parte que lhe cabia. O termo presente poderia ser uma oferta parcial, ou em duas partes, como um pagamento, chamava-se de “dádiva” (qīštu ou kadru), como também a oferta realizada (šullumu), com associação da “oferta pacífica” ou “imolação festiva de paz” (zebaḥ šelamim). Já em textos Ugaríticos e Hurritas um termo comum, e que corresponde ao conceito de “holocausto” (šurpu), este termo assemelha-se ao “holocausto israelita” (’ôlāh).

Ademais, é possível fazer uma aproximação entre outras ofertas ou sacrifícios mesopotâmicos com os israelitas, a saber, as ofertas voluntárias em Israel como a נְדָבָה (nedābāh). Cujos sentido é “oferta” ou “oferenda voluntária” (Ex 36,3; Lc 22,18; 23,38). Inclusive é paralelo ao termo anteriormente apresentado para uma oferenda mesopotâmica (šagigurû). O interessante que é uma oferenda voluntária, de gratidão, de oração ou louvor, em parte se assemelha ao זְבַח הַתּוֹדָה (zebaḥ hatôdāh) que é o enfoque da pesquisa, e que foi traduzido como “sacrifício de louvor”.

4.1. O Sistema sacrificial do AT

Israel como os outros povos do AOP também possuía um sistema sacrificial constituído, e que passa por um processo reformador. Esta reforma pode ser vista no estabelecido de tipos de sacrifícios e de um local de culto, antes disperso em uma pluralidade de lugares santos, com santuários locais, que são originários



nas tradições patriarcais, ou pelo menos, atribuídos a eles, tais como Moriá (Gn 22,1-14), Betel (Gn 12,8; 28,19-22), a exemplo do santuário de Micas (Jz 17,1-13) . Possivelmente também jebusitas (Gn 14,18; 1Sm 24,18), pelo que também correlaciona Abraão com o mesmo lugar, o monte Moriá (Gn 22,1-2). O que indica claramente a existência de multiplicidades de lugares de culto. O profeta Samuel sacrificou em vários lugares para YHWH (1Sm 7,7-9; 9,12-14; 11,14.15; 16,5).

A perspectiva negativa dos lugares altos ou **תְּהֹמֹת** (bāmōt), cujo correlato em acádico seria o lexema bamātu (termo topográfico que significa lugar alto) . E ainda **תְּהֹמֹת** (bāmâ) que é lugar sagrado. Por acepção, um lugar alto que é sagrado. Nesses lugares altos os sacrifícios eram realizados, nem sempre foram malvistas, só na reforma de Josias é que passam a ter uma sentido pejorativo nesta época.

Nessa perspectiva, quando Elias sacrifica no alto do Carmelo, não há uma censura ao profeta (2Rs 23,4-20) . Por mais que, o profeta seja do Reino Norte, ele usa a expressão: **אֱלֹהֵינוּ** (teus altares), não usa o termo pejorativo para altar, mesmo que fosse em um lugar alto, como é o Carmelo. A LXX traduziu **אֱלֹהֵינוּ** por τὰ θυσιαστήριά σου (teus altares), a correspondência é que θυσιαστήριά significa literalmente “lugar de oferenda queimada” e não usou βῶμος que teria conotação de altar pagão.

Então, Fried diz que a LXX explicou **תְּהֹמֹת** por ὑψηλός (altos) como em 2Cr 11,15 a exemplo, com raras exceções, usa βῶμος (altar ou pedestal) como em Jr 7,31, e além disso, Wevers assevera que o uso de tal termo em Levítico ilegítima qualquer tipo de altar pagão, porque, βῶμος era usado neste sentido. Portanto, um santuário central é um fator preponderante para a organização da religiosidade de Israel. E com o santuário central a organização do culto, lembra-se de que os salmos são expressões do culto israelita e judaíta, bem como foram interpolados, redigidos e ressignificados ao longo da história do povo de



Israel. Então, para entender os diversos sacrifícios e como esses eram parte do culto.

O Livro de Levíticos é o principal a respeito da instituição dos sacrifícios, mesmo que, seja tardio em realização da prática deles é Levítico. Este se encontra exatamente no meio do Pentateuco, precedido por Gênesis e Êxodo. E é seguido por Números e Deuteronômio; a ordem dos Livros deve ter sido proposital pelos redatores finais do Pentateuco. O nome do livro no hebraico é **וַיִּקְרָא** (wayyiqrā'), porque é o primeiro termo introdutório no Livro, a forma grega é **Λευιτικόν**. De fato, este termo grego deu origem ao Leviticus na Vulgata. Paximadi chama levítico de: “o centro literário e teológico do Pentateuco”.

Já Clements aponta para uma exigência cúlta para toda a comunidade:

“O livro como um todo, portanto, deriva o seu caráter especial de sua preocupação com o regulamento do culto e com as exigências que esse culto impunha sobre a vida e conduta dos homens e das mulheres em Israel.”

Instruções dirigidas a cada israelita estão intimamente entrelaçadas com as que se relacionavam, com muito mais particularidade, com a comunidade sacerdotal.

A premissa estabelecida por Paximadi traz uma reflexão a respeito da ordem de Levítico, porque é o terceiro livro na sequência. No entanto, não basta ser o terceiro; entretanto, é que esteja exatamente no meio do Pentateuco, dois livros antecedentes e dois livros subsequentes. Isto implica que Levítico é o centro. Além do mais, Gonzaga e Belém apresentam uma estrutura quiástica, e que o centrismo é exatamente Levítico, a saber:

A| Gênesis

B| Êxodo



X| Levítico
B'| Números
A'| Deuteronômio

Noth diz que a noção de “levítico”, não só por causa dos levitas ou clerus minor, como ele denominava; porém, é indicativo da celebração ritual no pós-exílio, em que os levitas têm papel importante no culto. Wellhausen atesta que é material P e reflete a vida social e religiosa do pós-exílio. A maioria dos estudiosos não aceitam a autoria mosaica de Levítico, dentre eles, Milgrom e Kiuchi . As exceções são Harrison, Rooker . Por conseguinte, o exto final é pós-exílico, mas, pontos dos livros também descrevem certa antiguidade, o próprio Milgrom atesta que é repositório deste material mais antigo, é claro que, também, reorganizado.

Por sua vez, Levine diz que o núcleo do Livro é o Código da Santidade (H), no qual, se abrange os caps. 17–27. Entende-se que houve uma introdução prescrita e pós-escritos em forma de um sumário para a reação final do Livro. Os caps. 1–16 são tratados para os sacerdotes, com a devida exceção do cap.11, porque é o Código Dietético. Já os caps.1–7 são especificam os sacrifícios. Por sua vez, 8–10 é a instauração do Sacerdócio Aarônico, com o início do culto no Tabernáculo. Benware segue mais ou menos a estrutura de Levine, só com uma pequena variação; pois, divide os caps. 24–25 com as festas e os dois últimos (26–27), como advertências. Também, Levine quando compara os sacrifícios ugaríticos com os israelitas, organiza os textos sacrificiais em duas formas, a prescritiva e a descritiva.

Em contrapartida, Rainey divide em prescritivos, legislativo e profético. O seu estudo se baseia em Lv 8-9, Nm 7, 28-29, aqui se observa uma ordem diferente, até contrastante nos sacrifícios.

- Textos ritualístico: concernentes aos rituais.



- a) Prescritivos: textos legislativos e proféticos
- b) Descritivos: textos narrativos e procedimentos ou fórmulas rituais.

Ska faz uma divisão maior, dos caps. 1–7 com os rituais, do 8–10 a ordenação sacerdotal, em seguida, nos 11–16 com predomínio de *tāmē'* (impuro) e *tāhōr* (puro) junto com outras leis diversas de pureza. Assim, depois, 17–26 com as leis de santidade, apesar disso, declara haver dois epílogos, um no 26,46 e outro no 27,34. Vasholz não exclui a possibilidade de que a formação final se deu no pós-exílio, o que era de se esperar, porque se os textos são um processo redacional, a mão sacerdotal final organizou todo o conteúdo do Pentateuco.

A partir dessas informações preliminares, o enfoque estará nos caps. 1–7, no que concerne aos sacrifícios; no entanto, com a atenção voltada ao *zebaḥ šelamim* (imolação pacíficas), porque dentre eles, é que o *zebaḥ tōdah* ou sacrifício de louvor se encontra. O Livro de Levítico traz a sua importância e colaboração para a compreensão do sistema sacrificial, pelo que, pode sem problema algum, correlacionar-se com o SI 50 (49) devido ao forte teor litúrgico e exatamente na questão cultural levantada pelo salmista.

4.2. Os sacrifícios descritos em Lv 1–7

Os comentaristas trazem uma divisão com muita semelhança. Boyce faz a seguinte divisão e subdivisão dos caps.1–7:

- 1) Instruções acerca dos sacrifícios (1,1–7,38).
 - a) As três oferendas voluntárias (1,1–3,17).
 - Oferendas queimadas (1,1–17).
 - Olação como oferenda queimada (2,1–16).
 - Sacrifício de comunhão (3,1–17).
- 2) Dois sacrifícios de expiação (4,1–6,7).



- a) Oferendas de purificação e de reparação (4,1-6,7).
- Instruções adicionais (7,22-36).
 - A proibição da gordura, das entranhas e do sangue (7,22-27).
 - A porção devida aos sacerdotes (7,28-36).
 - Para os sacerdotes as cinco oferendas queimadas ().

Marx explica que o sistema sacrificial assume uma preponderância ou ponto central do culto no AT, é tão notório que uma variedade de sacrifícios, que textos sapienciais e proféticos fazem alusões:

No interior do Livro de Levítico, precisamente nos capítulos de 1-7; portanto, separado, ao fazê-lo em relação ao sistema sacrificial assume uma importância muito especial. Embora sua apresentação do sistema sagrado não seja exaustiva, este conjunto é, no entanto, extremamente valioso. De fato, por uma interação inteligente de fórmulas introdutórias e conclusivas com outros marcadores de fala ou expressões estereotipadas que pontuam estas instruções, P distingue, classe, grupo, identificação, hierarquia e assim desenha os contornos do sistema sagrado.

Lv 1-7 apresenta uma série de prescrições, tais prescrições ensinam o modus operandi dos sacrifícios, quem deve trazê-los e como o sacerdote fará o ritual, descreve-se a respeito do pecado cometido por inadvertência. É possível fazer um síntese do conteúdo desta seção, Levítico se inicia na perícopes de 1,1-3,17 com uma declaração de que seria uma lei perpétua para as próximas gerações. Trata do ritual, com o holocausto e com a oblação. O teor do cap.3 é o sacrifício de comunhão nos vv.1-17. E no 4,1-5,26 que organiza a temática do holocausto, o caráter dos sacrifícios desta seção é a expiação. Esta parte pode ser compreendida em três orientações, sobre o pecado da assembleia, de algum chefe dentre o povo e enfim, de alguém do meio do povo de Israel. Na última parte que a abrange 6,1-7,34, em nove partes, no 6,1-6 sobre o holocausto, nos vv. 7-16, acerca



da oblação. Já nos vv.17-23 o assunto é a oferenda pelo pecado. Assim, no capítulo 7, que pode ser dividido em seis partes, nos vv. 1-6 trata do sacrifício de reparação, nos vv.7-10 a respeito do direitos dos sacerdotes. Por sua vez, nos vv.11-17, o sacrifício de comunhão com duas características, uma no sacrifício com louvor nos vv.11-15, e sobre os sacrifícios votivos ou voluntários nos vv.16-17. A parte final com as regras gerais, nas quais, os vv.18-27 explicam os procedimentos. Assim, a parte dos sacerdotes nos vv.28-34. Além disso, uma conclusão dos vv.35-38.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Clifton J. (ed). Comentário Bíblico Broadman (Vol 2 – Levítico a Rute).2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

BANWARE, Paul N., Panorama del Antiguo Testamento (Comentario Bíblico Portavoz), Grand Rapids, Michigan: Portavoz, 1995.

BOYCE, Ricard Nelson. Leviticus and Numbers. WBC, Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 2008.

DAVIES, Philip R.; EDELMAN, Diana V., The Historian and the Bible: Essays in Honour of Lester L. Grabbe. London: T&T Clark, 2010.

HARRISON, R. K., Leviticus: An Introduction and Commentary. (Tyndale Old Testament Commentaries - Volume 3). Leicester: IVP. 1980.

JOHNSTON, Sarah Iles (ed.). Religions of the Ancient World: A Guide, Massachussets: The Belknap Press of Harvard University Press, 2004.

KIUCHI, Nobuyoshi. Leviticus. (Apollos Old Testament Commentary, 3). Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2017.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. Sobre o sacrifício. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MILGROM. Jacob. Leviticus 1-16: A New Translation with Introduction and Commentary. (Anchor Bible Commentary). New York: Doubleday, 1998.

NOTH, Martin. Levitico: traduzione e commento (vol.6). Brescia: Paideia Editrice, 1989.

OLYAN, S. M. (Ed.). Social theory and the study of Israelite religion: essays in retrospect and prospect. London: Society of Biblical Literature, 2012.

PAXIMADI, Giorgio. Levitico: Introduzione, traduzione e commento, Nuova Versione della Bibbia dai Testi Antichi -3). Milano: San Paolo, 2017.

RENDTOFF, Rolf; KUGLER, Robert A., The Book of Leviticus. Composition and Reception. Leiden: Brill, 2003.

ROOKER, M. F., Leviticus, New American Commentary, Nashville: Broadman & Holman, 2000.



SKA, Jean-Louis. Introdução à Leitura do Pentateuco: chaves de interpretação dos primeiros cinco livros da Bíblia, São Paulo: Edições Loyola, 2003.

VASHOLZ, Robert I., Comentário do Antigo Testamento – Levítico, São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

WEDDLE, David L., Sacrifice in Judaism, Christianity and Islam. New York: New York University Press, 2017.

WELLHAUSEN, Julius. Prolegomena to the History of Israel. Wipf & Stock Publishers, 2003.

WEVERS, John William. Notes on the Greek Text of Leviticus (Septuaginta and Cognates Studies, 44). Atlanta, Georgia: Scholars Press, SBL, 1997.

PITKÄNEN, Pekka. Central Sanctuary and Centralization of Worship in Ancient Israel From the Settlement to the Building of Solomon's Temple, Piscataway, New Jersey: Gorgias Press, 2004.

MARX, Alfred. Les systèmes sacrificiels de l'Ancien Testament Formes et fonctions du culte sacrificiel à Yhwh. (Supplements to Vetus Testamentum, v.105). Leiden: Brill, 2005.

Bibliografía de apoio

MAR OROZCO, Carlos Eusebio; BARBOSA MORENO, Alfonso; MOLAR OROZCO, Juan Flavio. Metodología de la Investigación: Métodos y Técnicas, Ciudad de Mexico: Patria Educaciones, 2020.

Artigos e Teses

SCURLOC, Joann. The Techniques of the Sacrifice of Animals in Ancient Israel and Ancient Mesopotamia. New Insights Through Comparison (Part 2), Andrews University Seminary Studies, Vol. 44, No. 2, 241-264.

GONZAGA, Waldecir; BELÉM, Doaldo Ferreira. O Pentateuco e os "pentateucos" na Bíblia: uma abordagem canônica. ReBiblica, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, jul./dez. 2022, p. 247-277.



HALLO, William W., The origin of Israelite sacrifice. Biblical archaeology review. 2011, Volume: 37, n. 6, pp. 59-60,71.

TAYLOR, Brian. Bāmôt in Josianic Reforms: A Heuristic Approach for the Signification of the Term Bāmâ. Journal of the Evangelical Theological Society; Lynchburg Vol. 60, Ed. 3, (Sep 2017), p.457-478.

FRIED, Lisbeth S., The High Places (bamôt) and the Reforms of Hezekiah and Josiah: an Archaeological Investigation. Journal of the American Oriental Society 122.3 (2002), pp.437-465.

SIQUEIRA, Fabio da Silveira. MI 2,1-9 e 2,17 – 3,5: Crise do Sacerdócio e Escatologia no séc. V a.C. (Tese de Doutorado), LIMA, Maria de Lourdes Côrrea (orientadora). Rio de Janeiro PUC Rio, 2019, 280p.

GELLER, M. J., The Šurpu Incantations and Lev. V. 1-5. Journal of Semitic Studies, 1980, 25(2), p. 181-192.

